



ANAIS

**IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

**IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)**

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

CÍRIO DE NAZARÉ: UM CULTO POPULAR¹

Juliana dos Santos Candido²

Resumo: O presente trabalho aborda as celebrações do Círio de Nazaré, em Belém, no estado do Pará, Brasil, enquanto uma das maiores expressões da devoção popular brasileira. Para isso, a pesquisa realizada por meio de levantamento bibliográfico discorre sobre as origens do Círio de Nazaré evidenciando seu caráter essencialmente popular e pontuando as particularidades dos festejos que, em seus mais de 200 anos de história, se inscreveu como um dos eventos mais importantes do calendário do estado do Pará e do Brasil, sendo considerado por muitos o "natal paraense". Além disso, serão abordadas também as tensões entre a população e o poder eclesialístico em torno do controle da devoção a Nossa Senhora de Nazaré e das celebrações, destacando o episódio que ficou conhecido como a "questão nazarena" e sua relação com o processo de "romanização" do catolicismo brasileiro caracterizado por um processo de reforma do catolicismo então praticado pelo povo que, muitas vezes, se afastava das diretrizes oficiais da Igreja Católica.

Palavras-chave: Catolicismo. Devoção Popular Mariana. Círio de Nazaré.

INTRODUÇÃO

Realizado há mais de 200 anos no Estado do Pará, o Círio de Nazaré é considerado uma das maiores manifestações da devoção popular brasileira, possuindo um impacto não apenas a nível estadual, mas atraindo inclusive peregrinos e turistas de outras regiões do Brasil, assim como de outros países. Embora esta celebração esteja presente em outros estados, como no Maranhão, é no Estado do Pará, mais especificamente na capital Belém, que ela ganha destaque e assume a posição de uma das festividades religiosas mais importantes do país.

A celebração, que tem como elemento central a devoção a Nossa Senhora de Nazaré, é institucionalizada e organizada pela Igreja Católica, porém, ainda assim é marcada por práticas e elementos típicos do catolicismo tradicional, dessa maneira, o presente artigo visa abordar o Círio de Nazaré enquanto uma das faces da devoção popular mariana no Brasil, evidenciando a importância que a santa possui na vida do povo, não apenas no âmbito da experiência religiosa, mas também em um sentido cultural e identitário, assim como a relação de familiaridade estabelecida com seus devotos, tratando ainda sobre as tensões geradas em torno do controle da devoção e dos festejos entre a Irmandade de Nazaré, formada por membros

¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ciências da Religião e Ensino Religioso do Centro de Ciências Humanas e da Educação, Campus de Jacarezinho, da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Turma I - 2020/2021. Orientador acadêmico: professor doutor Maurício de Aquino.

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP.), pós graduada em Especialização em Ciências da Religião e Ensino Religioso pela Universidade Estadual do norte do Paraná (UENP.) Contato para contato: julianacandidosant@gmail.com

leigos, e a Igreja no processo que ficou conhecido, por falta de termo mais adequado, como “romanização” do catolicismo brasileiro, isto é, como um processo de reforma do catolicismo praticado pelo povo e pelo clero no Brasil da época.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em levantamentos bibliográficos de estudos acerca da celebração do Círio de Nazaré e do catolicismo e devoções populares brasileiras.

Assim, este artigo se inicia com a abordagem das origens da devoção a Nossa Senhora de Nazaré e do Círio no Estado do Pará. Em seguida, aborda os conflitos e tensões em torno dos festejos do círio, com destaque para a “questão nazarena” e, por fim, trata das manifestações presentes na celebração nazarena de outubro, como a missa do mandato que dá início às novenas de peregrinações marcando o primeiro ato oficial das festividades nazarenas, a procissão principal e as transladações fluviais da imagem da santa, destacando ainda elementos populares das celebrações como o arraial e o almoço do círio.

AS ORIGENS

Antes mesmo de chegar ao Brasil a devoção à Nossa Senhora de Nazaré já tinha grande força em Portugal, já no Pará, a história do surgimento da devoção a Nossa Senhora de Nazaré assim como as origens do Círio se apresentam como um misto de lendas e fatos históricos.

Conta-se que tudo se iniciou numa região chamada Vigia, onde, por volta de 1700, um caboclo agricultor chamado Plácido José dos Santos encontrou na estrada do Utinga, atualmente Avenida Nazaré, uma pequena imagem com cerca de 38,5 cm de altura da Virgem de Nazaré que levou consigo para casa

No dia seguinte, o homem percebeu que a imagem havia sumido, sendo em seguida reencontrada no mesmo igarapé onde havia a visto pela primeira vez. A história conta ainda que isto se repetiu por várias vezes, até que o governador do período, que não tem seu nome citado na lenda, ao saber da santa que desaparecia e reaparecia a quilômetros de distância, ordenou que a imagem fosse levada até a capela do palácio do governo onde seria vigiada por soldados a fim de impedir que ela continuasse a retornar ao igarapé Murutucu. Na manhã seguinte de sua chegada ao palácio, para a surpresa de todos, notou-se que a imagem havia desaparecido e reaparecido, mais uma vez, no igarapé (IPHAN, 2006, p 11).

Frente a sucessão de acontecimentos sem explicação lógica, o próprio agricultor, que encontrara a imagem pela primeira vez, decidiu construir uma ermida para a santa, próximo

ao igarapé de sua origem. Rapidamente a notícia desse “milagre” se espalhou e logo a imagem passou a atrair uma legião de devotos em busca dos mais diferentes milagres. A cada ano a ermida passou a receber mais e mais fiéis carregando inúmeros *ex-votos*, como são conhecidos os objetos deixados pelos fiéis em gratidão pelas graças alcançadas. Entre estes objetos destacavam-se as velas de cera, conhecidas como círios e já muito populares em Portugal, que mais tarde deram nome a maior celebração a Nossa Senhora de Nazaré do Brasil (IPHAN, 2006, p. 12).

Ainda sobre o mito de origem é importante destacar o forte apelo popular da santa desde sua “descoberta”:

O primeiro ponto diz respeito às características do achado da imagem: um caboclo chamado Plácido, portanto, um homem do interior, pobre, pertencente a uma categoria que vai ser o modelo do romeiro que presta devoção à Santa. Este ponto liga-se a um segundo aspecto, que é o caráter de peregrinação, portanto, de movimentação de pessoas, que caracteriza o culto à Virgem. Um terceiro aspecto diz respeito à origem popular da devoção e sua apropriação “oficial” e, finalmente, o poder milagroso da Santa, que se torna mais forte e presente com o correr dos anos e à originalidade do achado. (ALVES, 2005, p. 322).

O bispo do Grão-Pará na época, D. Bartolomeu do Pilar, após visitar a ermida erguida por Plácido José passou a incentivar a devoção a Nossa Senhora de Nazaré o que, entre 1730 e 1774, resultou na construção de uma nova ermida para melhor receber os devotos. Porém, apenas em 1773, já sob a tutela de D. João Evangelista, que a devoção a Nossa Senhora de Nazaré foi institucionalizada pela igreja, após a santa ser declarada como padroeira da cidade de Belém. Além disso, é neste período que foi realizado o pedido de autorização para a realização do festejo em celebração a Nossa Senhora de Nazaré (MATOS, 2010, p. 51).

O ano 1773 ficou marcado como o período em que a aproximação entre o poder eclesiástico e a devoção a Nossa Senhora de Nazaré na região se intensificou dando início a uma série de ações que tinham como objetivo a obtenção de um maior controle sobre as crescentes celebrações dedicadas a santa e sua imagem original, que, até o momento, continuava sob a tutela de Plácido dos Santos.

Após quase vinte anos da oficialização da devoção a Nossa Senhora de Nazaré, o então presidente da província do Grão-Pará, Francisco de Sousa Coutinho, decidiu instituir uma feira voltada para a comercialização de produtos agrícolas que, estrategicamente, começou a ser realizada na mesma época em que as celebrações de Nossa Senhora de Nazaré

tradicionalmente já ocorriam, assim, a feira aos poucos foi se mesclando com a dinâmica das celebrações de Nossa Senhora de Nazaré, até que no ano 1793 se realizou o primeiro Círio (MATOS, 2010, p. 53).

Em seu primeiro ano a celebração já contou com o cortejo da imagem de Nossa Senhora de Nazaré originado da promessa do presidente da província Sousa Coutinho que se encontrando com a saúde debilitada prometeu à santa que, em caso de sua recuperação até a data da inauguração da feira daquele ano, levaria a imagem de Nossa Senhora de Nazaré da igreja onde ela se encontrava até o palácio governo, depois a levando novamente até a mesma igreja, refazendo o caminho que a imagem teria percorrido conforme a lenda. Desta maneira, tendo se recuperado a tempo, o presidente da província do Grão-Pará cumpriu com sua promessa e realizou o primeiro cortejo da Imagem de Nossa Senhora de Nazaré da história do Círio, que, segundo o Dossiê do IPHAN (2006, p. 15), foi acompanhado por cerca de 2 mil soldados e a população civil.

Neste acontecimento é possível perceber mais uma das marcas do catolicismo *santorial* muito presente no contexto brasileiro, que Teixeira (2005, p 17) aponta ter como uma de suas características os santos como figuras centrais, estando eles presentes na vida dos devotos em todas as instâncias e, por isso, sendo lembrados inclusive em momentos de necessidade, e vistos como fonte de milagre e da manifestação do poder divino.

TENSÃO E CONTROLE: A QUESTÃO NAZARENA

Em meados do século XIX teve início no Brasil uma busca por parte da Igreja Católica por uma adequação do catolicismo brasileiro aos moldes das diretrizes da Santa Sé, para isso foram implementadas pelos chamados “bispos reformadores” uma série de ações como a substituição de devoções marianas tradicionais no país por outras devoções comuns na Europa, porém, quando essa substituição não era possível, muitas vezes pela grande popularidade e apelo delas entre os fiéis, a estratégia tomada consistia na apropriação dessas devoções pela igreja, pois, o catolicismo tradicional brasileiro era fundado na participação massiva de leigos, por meio das confrarias e irmandades que se encarregavam da organização de festejos e celebrações aos santos, que também se caracterizam como núcleo desse catolicismo popular (OLIVEIRA, P., 1978, p 73).

A partir do início do processo de “romanização” do catolicismo brasileiro, o Círio de Nazaré passou a sofrer uma maior intervenção da igreja em sua organização, principalmente

pela importância das celebrações e por sua origem e caráter popular que agregava elementos sagrados e profanos em sua constituição. Dessa maneira, os conflitos em torno do controle sobre o Círio e, por consequência, sobre as decisões em relação aos elementos que deveriam ou não fazer parte das celebrações não foram raros, porém, dentre eles merece destaque um conflito que ficou conhecido como a questão nazarena.

A questão teve início no final do século XIX, quando em 25 de outubro de 1877, o *Diário Paraense* vinculou um longo texto de autoria anônima onde foi feita a denúncia de que durante o Arraial do Círio, no pavilhão da Flora, “representações indecorosas” de mulheres nuas estariam sendo exibidas. O autor pontua em seu texto que as imagens estavam corrompendo os valores do povo de Belém e que, desta maneira, as autoridades da igreja deveriam tomar providências para acabar com este tipo de festa (MATOS, 2010, p. 99).

A publicação rapidamente gerou uma reação da igreja que, em outubro de 1877, com a ordem do bispo Dom Antônio de Macedo Costa, suspendeu os festejos do Círio e ordenou o trancamento da ermida da santa. Porém, indo contra a decisão, a Irmandade de Nazaré, que no período era responsável pela organização do Círio, reabriu a ermida incentivando a população para que os festejos e celebrações continuassem (IPHAN, 2006, p. 22).

Soma-se a esta questão a disputa pelo controle do novo templo que viria a substituir a antiga ermida que na época ainda estava em construção, mas que em 1878 foi entregue à Irmandade de Nazaré pelo presidente da província, o que provocou uma reação do bispo que proibiu a realização do Círio naquele ano, que, por consequência, resultou no primeiro Círio Civil realizado pela Irmandade de Nazaré sem a presença de padres ou qualquer outra autoridade eclesiástica. No ano seguinte, após o projeto de entrega do templo à diocese não ser sancionado, o segundo Círio Civil foi realizado com ladainhas e muitas festividades (IPHAN, 2006, p. 22).

Assim, a questão nazarena prolongou-se até 1880 quando, por meio da intervenção do governo, foi instituída por José Coelho da Gama e Abreu, presidente da província, uma comissão organizadora do Círio de Nazaré que seria formada por leigos e membros da igreja todos nomeados pelo bispo. A partir disso a Irmandade de Nazaré passou a perder espaço e poder em relação à organização do Círio (IPHAN 2006, p. 23).

A ORGANIZAÇÃO ATUAL DO CÍRIO

Apesar da festa do Círio ter surgido a partir de uma junção de forças entre a igreja e o Estado, as celebrações se apresentam como uma soma de eventos que nem sempre integram a programação oficial da igreja, mas que são reconhecidos pela população e devotos em geral como parte dos festejos e celebrações. Essas inúmeras manifestações carregam consigo suas próprias particularidades e simbolismos que juntas possibilitam a observação de diferentes formas de se vivenciar e conceber as práticas religiosas e a devoção, bem como, diferenciá-las das concepções clericais, de maneira que, apesar de gerarem tensões em determinados momentos, são vistas também como elementos interdependentes e, até certo ponto, complementares aos elementos institucionais.

Desde 1910 o Círio de Nazaré é organizado pela chamada Diretoria da Festa que é formada por cerca de 30 diretores e conta com a presença de indivíduos que representam diretamente o poder clerical, como os sacerdotes, e também representantes leigos.

Ao abordar a participação dos leigos na organização e realização do evento, Pantoja (2006, p. 68) os classifica em dois grupos distintos, sendo o primeiro formado pelos que participam da Diretoria da Festa, e o segundo pelos que não fazem parte dela, estes últimos a autora define como “leigos comuns”. Ambos os grupos são formados por indivíduos que se consideram católicos, porém, aqueles que figuram na Diretoria da Festa costumam ter uma forte participação dentro da Igreja e estarem em maior sintonia com as diretrizes da instituição. Já o segundo grupo tem uma formação religiosa que se difere em alguns aspectos desses moldes, dessa forma, eles acabam por exercer um importante papel dentro dos eventos que figuram fora da programação oficial, mas de maneira que participam também na dinâmica e realização dos eventos oficiais, pois, no Círio essas práticas não se excluem, mas sim, se complementam.

É nesse contexto que surge a Associação de Promesseiros da Corda, grupo formado por fiéis que costumam participar assiduamente do Círio como um todo, mas principalmente da procissão da corda. A associação tem como função principal se colocar como uma forma de representação dos devotos que participam da procissão principal negociando com a Diretoria da Festa quando necessário e prestando o auxílio aos fiéis que desejam pagar suas promessas no momento do cortejo (PANTOJA, 2006, p. 68).

Além desses grupos, há ainda outros atores importantes para a realização dos festejos. Parte deles é composta por empresas privadas que figuram na página dedicada aos patrocinadores e apoiadores no site oficial do Círio de Nazaré, enquanto a outra é constituída por órgãos governamentais estaduais e municipais que também injetam dinheiro no evento, pois, por se tratar de uma celebração de grandes proporções, capaz de atrair turistas de outros

estados e até de outros países a importância do Círio de Nazaré não fica restrita apenas ao campo religioso atraindo também interesses políticos, econômicos e culturais

CÍRIO DE NAZARÉ: UMA EXPRESSÃO DA DEVOÇÃO POPULAR

Os preparativos para o Círio de Nazaré se iniciam em agosto com a chamada Missa do Mandato que é realizada, desde o ano de 1986, por decisão do padre Luciano Brambilla que desejava instituir um evento que demarcasse oficialmente o início dos preparativos para as festividades e celebrações do Círio (IPHAN, 2006, p. 36).

Alguns dias após a Missa do Mandato tem início a chamada peregrinação que é um período marcado pelo encontro nas casas dos devotos para a oração do terço, leituras bíblicas e reflexões sobre um tema proposto pela igreja. Inicialmente 15 encontros periódicos são definidos, porém, é comum que ocorram mais, pois o número de famílias que desejam receber os encontros, e por consequência a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, em suas casas é grande. Além disso, mesmo as famílias mais simples costumam fazer questão de oferecer algum lanche aos participantes dos encontros (LOPES, 2018, p. 48).

As peregrinações são estruturadas por meio de grupos que atuam cada um em sua comunidade. Estes grupos possuem coordenadores que recebem treinamento de líderes que por sua vez receberam formação e treinamento diretamente da igreja sobre os estudos da bíblia e do tema anual do Círio. Cada coordenador recebe uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Nazaré que fará a peregrinação pelas casas dos moradores de sua respectiva comunidade e também uma cópia do Livro de Peregrinação (LOPES, 2018, p. 48).

As chamadas peregrinações evidenciam que o Círio de Nazaré possui também um caráter evangelizador, em que, por meio desses encontros são difundidos ensinamentos acerca da doutrina católica, mas principalmente da Bíblia, além de se constituir como uma oportunidade para o desenvolvimento do sentimento de comunidade e pertença e também um momento de partilha e fraternidade.

O Livro de Peregrinação a cada ano tem seu conteúdo editado a fim de apresentar reflexões acerca do tema definido para o Círio. Em 2020, o livro teve como tema “Ave Maria, cheia de graça” e em sua apresentação evidencia a figura de Maria enquanto exemplo de santidade a ser admirada e imitada: “queremos ser apóstolos e apóstolas da santidade, para não nivelar nossas vidas pelo rodapé da mediocridade e do pecado. Desejamos olhar para frente e

para o alto, sabendo que Maria ‘passa na frente’, como sinal e modelo para todos nós.” (LIVRO DE PEREGRINAÇÃO, 2020, p. 3).

Desde 1996 o Círio de Nazaré apresenta um tema diferente a cada ano, as temáticas costumam se alinhar a questões atuais e fazem referência a figura de Maria e seus significados como é possível observar nos temas de 2012 e 2006 respectivamente: “Ao pai, por Cristo, no Espírito Santo, com Maria e do jeito de Maria” e “Com Maria, aprendemos a ser discípulos e missionários de Jesus”. Assim, a figura de Maria aparece enquanto um modelo de discípulo e de virtude a ser seguido pelos membros da Igreja e como figura evangelizadora:

Maria aparece como “a imagem e o começo da Igreja” celeste. A sua função é ser “sinal de esperança segura e de conforto ao peregrinante povo de Deus, até que chegue o dia do Senhor”. Enfim, é uma jubilosa garantia para todos os que têm fé, que a Virgem glorificada interceda junto ao seu Filho até que todas as famílias dos povos sejam felizmente congregadas na paz, na concórdia (COSTA, 2013, p.80).

Ao longo de seus mais de 200 anos de realização o Círio de Nazaré incorporou inúmeros elementos até tomar as proporções que tem hoje, e, atualmente, conta com cerca de 12 procissões oficiais e entre todas elas se destacam a *Trasladação* e a *Romaria Fluvial*, realizadas no sábado anterior à procissão principal. A trasladação faz o mesmo percurso que a procissão principal, porém, em sentido invertido, saindo com a imagem ornamentada do Colégio Gentil Bittencourt até a Catedral de Belém. Já o Círio Fluvial data de 1986 e seu percurso é feito por meio das águas percorrendo a baía de Guajará. O Círio Fluvial demarca a particular e importante relação estabelecida entre a população paraense e os rios que são parte essencial no desenvolvimento do estado, além de se caracterizarem como elemento singular na paisagem da região.

A procissão principal do círio conta com alguns elementos próprios, sendo o andor envidraçado onde a imagem é transportada, a chamada berlinda, o central. A imagem que é transportada durante todas as procissões da celebração não é a imagem que originalmente fora encontrada no igarapé Murutucu por Plácido José, visto que, ela permanece o ano todo na Basílica de Nazaré. A imagem trasladada desde 1969 pelas ruas e rios durante o Círio é uma réplica que recebeu o nome de imagem peregrina. A nova imagem trata-se de uma réplica modificada da imagem original, pois não é idêntica a ela, já que recebeu novos detalhes e feições indígenas e caboclas parecidas com a da população da região (SILVA2015, p. 41). É interessante observar que Nossa Senhora de Nazaré, que é vista como exemplo máximo de

discípula, na Imagem Peregrina assume características similares às das mulheres da região proporcionando uma maior identificação entre a santa e suas devotas, evidenciando proximidade de Nossa Senhora de Nazaré com a população local.

Outro elemento característico é a corda que é puxada pelos devotos que foi inserida pela primeira vez na procissão em 1855 quando, após a berlinda ficar atolada depois uma chuva, a Diretoria da Festa utilizou uma corda para que os fiéis a puxassem para retirar a berlinda do atoleiro. Porém, foi apenas no ano de 1885 que a corda passou a ser item oficial na procissão (IPHAN, 2006, 21).

A corda que com o passar do tempo se tornou um dos maiores símbolos do Círio de Nazaré hoje carrega um significado totalmente diferente do que foi atribuído a ela na primeira vez em que foi introduzida na procissão se estabelecendo como um dos principais instrumentos para o pagamento de promessas.

Dessa maneira, cada centímetro da corda é intensamente disputado pelos devotos que já de madrugada começam a se dirigir ao ponto de saída da procissão, pois há um grande número de promesseiros em busca de pagar mais uma promessa. Frugoli (2014, p. 43) aponta que é comum que inúmeros devotos que não conseguiram um lugar na corda sigam atrelados àqueles que estão carregando a corda e assim sucessivamente.

Ao caminharem em procissão os devotos de Nossa Senhora de Nazaré expressam de maneira pública e coletiva sua devoção em um espaço que, embora seja um ambiente externo a igreja, não rompe sua ligação com o sagrado, pois é neste momento em que os devotos refazem o caminho percorrido pela santa, é ali que eles revivem o mito e reafirmam sua relação de proximidade com o divino.

Sendo um dos elementos presentes na forma do catolicismo popular ou tradicional, segundo Oliveira (2012, p. 22), a procissão não se constitui como um elemento alheio ao catolicismo, mas sim como algo que foi readaptado a partir dele. Assim, é possível perceber a dualidade presente nela, já que, ao mesmo tempo em que é organizada pela igreja por meio da Diretoria da Festa, no momento de sua realização ela se transforma em um espaço pertencente ao promesseiro, que, naquele momento, passa a conduzir o cortejo e a santa não apenas de maneira simbólica, mas também de forma literal.

A procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesiástica e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. Ao mesmo tempo, a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano,

incorpora-o à autoridade da Igreja e faz com que a identidade cristã dos que dela participam seja afirmada perante eles próprios e perante quem se mantenha alheio à fé (SOUZA, 2013, p. 44).

Os peregrinos que participam das celebrações chegam das mais diversas localidades percorrendo longas distâncias para não apenas agradecer ou realizar pedidos como também para buscar um crescimento espiritual, pois, como pontua ainda Souza (2013, p. 88): “[...] esta busca por benefícios concretos não é, necessariamente, o que move o romeiro, e a romaria é muito mais que um fenômeno especificamente utilitário. O romeiro, afinal, pode estar em busca, simplesmente, de contato com o sagrado e de consequente crescimento espiritual.”

Apesar do ato de se carregar a corda ser encarado por muitos como um momento de sacrifício e que pode até mesmo ser doloroso, não deixa de ser visto também como um momento de alegria em que um elo é estabelecido entre o devoto e a santa. Frugoli (2013, p. 43) destaca a forma como a corda é vista pelos fiéis: “é como se a corda fosse a continuação das mãos da santa; como se os devotos que estão com as mãos na corda estivessem de mãos dadas com a santa, de mãos dadas com o sagrado”.

Por ser um signo tão significativo no contexto do Círio de Nazaré a corda também se constitui como um ponto de frequentes tensões e o primeiro se deu no ano de 1926, quando o então arcebispo do Pará, Dom Irineu Joffily, em uma ação a fim de transformar o Círio de Nazaré em uma celebração em conformidade com o catolicismo romanizado, alegando que as normas partiam da Sagrada Congregação dos Ritos, ordenou a abolição da corda e do carro onde a santa era transportada.

Essa decisão causou o descontentamento imediato dos fiéis, pois a corda já havia se tornado um elemento sagrado indispensável para eles já que ela “pode ser considerada o elemento mediático da troca simbólica realizada entre o devoto e santa” (CORREA, 2010, p. 86). Conduzir a santa é não apenas um ato de sacrifício, mas também uma honra, e sua presença se caracteriza como um dos principais componentes de um catolicismo popular que é parte integrante da dinâmica do Círio de Nazaré, assim como parte da cultura paraense, tendo seu significado ampliado. Em 1931, com a renúncia de Dom Irineu Joffily a corda foi reintroduzida.

Com o passar dos anos diversas outras mudanças ocorreram como a realizada em 2004 com a substituição do formato da corda, que até então era em “U”, pelo linear, esta mudança ocorreu por motivos de segurança e, hoje, todas as mudanças realizadas na procissão são discutidas entre a Diretoria da Festa e a Associação de Promesseiros da Corda (SILVA, 2014, p. 54).

No fim da procissão a corda que por horas foi carregada por inúmeros devotos é cortada em pequenos pedaços que rapidamente são recolhidos pelos promesseiros, pois ela é um símbolo da conexão deles com o sagrado e levá-la para casa é como tornar essa conexão permanente.

Ao chegar neste local, ao compartilhar de sua aura, o romeiro passa a fazer parte dele, e não mais do mundo profano. Por isto, ao voltar a este mundo, ele precisa adquirir lembranças que mantenham vínculos com o sagrado que ficou para trás, introduzindo-o no mundo profano, purificando-o a partir desta presença e dando perenidade ao contato que ficou para trás. Não se trata, portanto, apenas de lembranças de uma viagem; se trata da permanência possível do contato com o sagrado e mesmo da permanência de seus poderes, uma vez que, a muitas destas lembranças são atribuídos poderes terapêuticos. (SOUZA, 2013, p. 83).

O ARRAIAL E ALMOÇO DO CÍRIO

Além da procissão principal diferentes tipos de manifestações e atividades populares se realizam, dentre elas recebe destaque o Arraial do Círio que já era parte das celebrações desde sua primeira realização ainda na forma de uma feira de produtos agrícolas, porém, com o passar do tempo a feira passou a assumir um caráter mais festivo, se estabelecendo como um espaço em que o profano se manifesta mais fortemente, mas de maneira que continua a carregar elementos sagrados relacionados a devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

Atualmente o arraial é realizado em uma área ao lado da Basílica e em seu antigo local foi construída a Praça Santuário ou Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN). A construção da nova praça gerou inúmeras discussões entre os fiéis acerca das características da nova construção conforme destaca o dossiê do IPHAN (2006, p. 52), pois o modelo arquitetônico escolhido é muito distante dos padrões regionais e a praça, apesar de ser de pertencer à Prefeitura Municipal de Belém, é envolta por grades que são fechadas as 22 horas todos os dias por um funcionário pago pela igreja, o que por consequência limita o acesso da população ao local a partir desse horário.

Apesar de carregar consigo a dimensão sagrada das celebrações do Círio, o arraial também tem suas dimensões profanas tendo como característica a festividade e, por isso, se apresenta também como um espaço de sociabilidade desde suas origens como destaca o Dossiê do IPHAN (2006, p. 19): “Muitos noivados e casamentos começaram nas festas do arraial, já

que os pais aproveitavam o Círio para apresentar a beleza de suas donzelas e o vigor dos filhos moços.”

É para o arraial que os devotos se dirigem no intervalo das celebrações e não somente eles como também aqueles que não são católicos ou mesmo religiosos, assim é comum que ocorram discordâncias e tensões em torno do controle do evento, pois, dado seu tom festivo, não é incomum que comportamentos que fujam ao ideal da igreja ocorram:

[...]foram muitos os momentos de tensão que marcaram a história do arraial, vez por outra, acusado de contribuir para a “corrupção dos valores” do povo paraense, momentos que expressam o próprio conflito entre os adeptos do catolicismo popular e a ótica eclesial e oficial dos organizadores da festa. (IPHAN, 2006, p. 52).

127

A celebração do Círio de Nazaré não se restringe ao âmbito público, contando também com o importante Almoço do Círio, que, apesar de não ser institucionalmente ligado ao evento, se consagra como um importante ritual dentro das festividades nazarenas, pois demarca a devoção à Nossa Senhora de Nazaré em seu lugar privado, se apresentando como um momento de celebração familiar e de partilha.

Com o passar dos anos o Almoço do Círio passou a ser tratado como o “natal dos paraenses” não estando preso apenas à esfera religiosa, mas se tornando também uma manifestação cultural regional (FRUGOLI, 2014, p. 59). Os católicos encaram o almoço do Círio como mais uma celebração a Nossa Senhora de Nazaré, um momento de confraternização em agradecimento as bençãos e graças atendidas, já os não católicos encaram o almoço como uma tradição a ser respeitada e mantida, um momento de festejar com amigos e familiares.

O almoço conta com um cardápio composto por pratos típicos do estado e da região amazônica como o pato no tucupi e a maniçoba (IPHAN, 2006, 53). O pato no tucupi consiste no pato assado e depois fervido no tucupi que é um líquido extraído da mandioca, e a maniçoba em um prato feito com as mesmas proteínas utilizadas no preparo da feijoada, porém, com a folha da maniva, que é a folha da mandioca moída, no lugar do feijão preto. A folha da maniva exige um longo cozimento que dura cerca de uma semana para que a folha perca seu veneno.

Desta maneira, o almoço do Círio, além de representar o momento de celebração da partilha e da união familiar, é também um momento de fortalecimento do sentimento de pertencimento e da identidade paraense e amazônica.

CONCLUSÃO

De origem portuguesa a devoção à Nossa Senhora de Nazaré se inscreve dentro do espectro de um catolicismo popular brasileiro manifesto em práticas devocionais que não se orientam necessariamente pelo que é instituído formalmente pela Igreja, em muitos momentos, se distanciando das organizações eclesiais, contando com a forte presença leiga na organização e realização das mais diferentes celebrações e festejos, o que, por muito tempo, ocorreu com o próprio Círio.

Dessa forma, este artigo buscou pontuar os pontos de tensão entre os populares e a Igreja durante os mais de 200 anos de realização do Círio de Nazaré, destacando que, mesmo com a forte investida da Igreja Católica no combate do catolicismo tradicional de origem portuguesa e popular no país, o apelo popular presente desde o nascimento desse festejo não foi extinto, resultando em uma mescla entre o catolicismo romanizado e as práticas já tradicionais entre os devotos sendo expresso por meio da devoção à Nossa Senhora de Nazaré, que é colocada como figura central na vida dos devotos, como fonte de milagres e elo entre eles e o divino.

Além das tensões entre devotos e Igreja, pode-se destacar também a presença do Estado em diferentes momentos da história da celebração, que desde seu nascimento já contou com a participação do governo em sua criação, porém, em outros momentos o Estado surge não como aliado, mas como fonte de questionamentos.

Dessa forma, é possível perceber que a celebração do Círio de Nazaré é apenas uma das faces da devoção à Nossa Senhora de Nazaré que não se resume a este festejo, se fazendo presente também no íntimo dos lares de seus devotos, mas que, por meio desta celebração, se inscreve no cenário do catolicismo popular brasileiro como uma das maiores e mais importantes festas católicas que rompe os limites da fé, tendo impacto econômico, político e também na reafirmação identitária da população da região amazônica.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 19, n. 54, p. 315-332, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10083>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CORREA, I. M. X. A. **Círio de Nazaré: a festa da fé e suas (re)significações culturais** – 1970-2008. 244 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

COSTA, E. M. P. da M., Arquétipo do feminino na Igreja: uma leitura do capítulo viii da lumen gentium. **Revista de Cultura Teológica**. [S.l.], v. 82, n. 82, p. 75-107, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/17386/12926>>. Acesso em: 13 abr. 2021

FRUGOLI, R.; BUENO, M. S. O Círio de Nazaré (Pará, Brasil): relações entre o sagrado e o profano. **Turismo e Sociedade**, Curitiba v. 7, p. 135-155, 2014.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Círio de Nazaré**. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. (Dossiê Iphan, 1).

CÍRIO DE NAZARÉ. Belém, Paróquia de Nossa Senhora de Nazaré, 2013. Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br>>. Acesso em: 11/11/2013.

LOPES, J. R. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 155-181, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/FPRvw49qZmqcqBVh4dVngBk/?lang=pt>>. Acesso em: 13 jan. 2021

LOPES, S. C. **Vem ver Belém a festejar: análise de cenas comunicativas no Círio de Nazaré**. 2018. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2018.

MATOS, L. S. **Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré**. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, E. Procissões - De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. **Sacrilegens**, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 15-32, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26724>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

OLIVEIRA, P. R. de. O catolicismo do povo. In: SANTOS, B. Beni dos; ROXO, Roberto M. (coords.). **A religião do Povo**. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 72-80.

PANTOJA, V. Negócios sagrados: notas sobre O Círio de Nazaré em Belém-Pará. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/682>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, A. N. da. **A romaria virtual de Nazaré**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Paulista, São Paulo, 2015.

SOUZA, R. L. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. 1. ed. Natal: IFRN Editora, 2013.

TEIXEIRA, F. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 14-23, setembro/novembro 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13452>>. Acesso em: 19 dez. 2020.